Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

AS CARTOGRAFIAS SUBVERSIVAS E AS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A (GEO)POLÍTICA: contribuições para a emancipação na formação em Geografia

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz
d.dayana@hotmail.com

Doutora em Geografia e Professora do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades (DGTH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba/SP e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) na (UFSCar/Sorocaba).

RESUMO

Este texto busca apresentar a cartografia subversiva como metodologia utilizada nas aulas de Cartografia no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba), ressaltando sua contribuição para a formação cidadã e interdisciplinar, bem como para o protagonismo e emancipação do indivíduo. Ao questionar as bases da cartografia tradicional e ao mesmo tempo refletir sobre as ideologias e os objetivos das representações cartográficas, a cartografia subversiva permite inúmeras possibilidades de diálogo interdisciplinares e temáticos, partindo do conhecimento do indivíduo para a interpretação das dinâmicas contemporâneas, ligadas dentre outros fatores à (geo)política.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, (Geo)política, Cartografia subversiva, Mapa

SUBVERSIVE CARTOGRAPHIES AND THE POSSIBILITIES OF DIALOGUE WITH (GEO) POLITICS: contributions to emancipation in Geography training

ABSTRACT

This text seeks to present subversive cartography as a methodology used in Cartography classes in the Geography degree of Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba), highlighting its contribution to the citizen and interdisciplinary formation, as well as to the protagonism and emancipation of the individual. By questioning the foundations of traditional cartography and at the same time reflecting on the ideologies and objectives of cartographic representations, subversive cartography allows countless possibilities for interdisciplinary and thematic dialogue, starting from the individual's knowledge to the interpretation of contemporary dynamics, linked among other factors to (geo)politics.

KEYWORDS

Geography, (Geo)politics, Subversive cartography, Map

CARTOGRAFÍAS SUBVERSIVAS Y LAS POSIBILIDADES DEL DIÁLOGO CON LA POLÍTICA (GEO): contribuciones a la emancipación en la formación en Geografia

RESUMEN

Este texto busca presentar la cartografía subversiva como una metodología utilizada en las clases de cartografía en el curso de Geografía de la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba), destacando su contribución a la educación ciudadana e interdisciplinaria, así como al protagonismo y la emancipación del individuo. Al cuestionar las bases de la cartografía tradicional y al mismo tiempo reflexionar sobre las ideologías y los objetivos de las representaciones cartográficas, la cartografía subversiva permite numerosas posibilidades para el diálogo interdisciplinario y temático, a partir del conocimiento del individuo para la interpretación de la dinámica contemporánea, vinculada entre otros factores. a (geo) política.

PALABRAS CLAVE

Geografía, (Geo) política, Cartografía subversiva, Mapa

Introdução

Com a consolidação da Geografia como ciência moderna, seu arcabouço teórico-metodológico propiciou desde o início a interdisciplinaridade. Por outro lado, a dicotomia própria da modernidade perdura até hoje na separação entre geografia

humana e geografia física, entre conhecimento teórico e prática pedagógica, entre geografia universitária e geografia escolar.

A superação do perfil dicotômico, é um desafio que requer nitidez e consciência do professor sobre o quê, como, pra quê e para quem se ensina geografia. Mas essa superação só acontece se for precedida de uma formação cidadã, compromissada com uma educação geográfica que propicie a compreensão do mundo e da vida cotidiana. É preciso considerar a diversidade e a cultura local, indo na contramão da superficialidade e da fragmentação das informações no mundo contemporâneo.

A fragmentação está relacionada, dentre outras coisas, a tentativa de homogeneização dos costumes, provenientes do aprofundamento dos processos de globalização (CALLAI, 2010) e de questões relacionadas à (geo)política contemporânea. Em contrapartida, a formação cidadã inclui a compreensão do espaço geográfico, a consciência do papel do indivíduo no mundo, bem como a necessidade de luta para a garantia de direitos, ultrapassando os limites do consumo (SANTOS, 2011).

A formação docente deve ser crítica e autônoma. Se queremos que a formação na educação básica seja emancipadora e cidadã, a formação docente não pode ser diferente! Esse é o caminho possível que contrapõe as propostas educativas forjadas aos moldes tradicionais. Tais propostas não contemplam efetivamente a fluidez imposta pelas demandas da atualidade.

Quando a formação docente não é crítica e autônoma, sua prática estará limitada à reprodução dos materiais didáticos no contexto de um trabalho burocratizado e pedagogicamente precário, seguindo sempre a mesma "cartilha" de conteúdos, sob a ótica de uma educação estática, inerte e ineficaz (CALLAI, 2010; CASTELLAR, 2010).

A cartografia subversiva tem um posicionamento crítico-reflexivo quanto aos moldes da cartografia tradicional e a ênfase dada ao espaço euclidiano, cujas convenções e formas de representação dão pouca margem à criatividade e expressão do indivíduo. Neste sentido, "(...) subverter a cartografia significa questionar e desafiar a visão (pre)dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartográfico e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios" (SEEMANN, 2012, p. 140). Significa abrir possibilidades para que o indivíduo expresse com autonomia e criticidade a sua análise sobre as dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

O uso da cartografia subversiva como metodologia pode indicar novos caminhos para o aprofundamento dos fenômenos abordados no mapa, representando um avanço qualitativo no processo de ensino-aprendizagem no decorrer das aulas de Geografia. Professores familiarizados com metodologias como a cartografia subversiva, a cartografia

social e a cartografia inclusiva ao longo de sua formação inicial, terão condições de propor práticas inovadoras e autônomas em sua práxis cotidiana.

O objetivo desse texto é apresentar a cartografia subversiva como metodologia nas aulas de Cartografia no ensino superior, a fim de garantir uma abordagem interdisciplinar ao propiciar a realização de debates que tenham interface com outras disciplinas da grade do curso.

O uso da cartografia subversiva nas aulas no ensino superior, apresenta aos estudantes em processo de formação inicial, alguns caminhos e possibilidades para a reflexão e interpretação dos fenômenos geográficos contemporâneos. Considerando os diferentes olhares e interpretações do mundo expressos pelos estudantes a partir dos mapas elaborados, utilizamos como recorte temático ao longo desse texto, as possibilidades de diálogo com a (geo)política contemporânea.

Este texto está dividido em dois subtópicos principais. No primeiro, "Cartografia e poder" discutiremos sobre a necessidade de ressignificação do saber cartográfico como uma linguagem fundamental para a interpretação do mundo contemporâneo. No segundo subtópico, "Cartografias subversivas: um caminho para a desconstrução no ensino de Geografia", apresentaremos as cartografias subversivas como possibilidades de empoderamento do indivíduo considerando sua percepção, leitura e interpretação do mundo. A partir da experiência com o uso da cartografia subversiva como metodologia nas aulas de Cartografia, com estudantes da turma 019 do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba), o segundo subtópico tem o intuito de demonstrar brevemente as possibilidades de diálogo com a (geo)política.

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo incluiu uma revisão bibliográfica sobre cartografia e cartografia subversiva, além da aplicação do uso da metodologia durante aulas na disciplina de Cartografia da UFSCar/Sorocaba. O texto traz uma breve análise do conteúdo de dois mapas, bem como a reflexão sobre as possibilidades do uso da cartografia subversiva no ensino superior.

Cartografia e poder

Ao longo da História da humanidade, o fazer cartográfico esteve restrito às classes dominantes, legitimando as ideologias e os discursos de poder. Desde o mapa Ga-Sur feito em uma placa de barro (mapa mais antigo do mundo, de 2.500 a.C.), passando

pelos mapas de Ptolomeu na Grécia antiga, pelos mapas T.O (Orbis Terrarum) da Idade Média, pelas cartas náuticas do período das Grandes Navegações e pelos mapas atuais elaborados com técnicas de geoprocessamento e sensoriamento remoto, os mapas são carregados de significados e de variados contextos políticos, econômicos e socioculturais.

Harley (2009) afirma que os mapas são considerados imagens que contribuem para o diálogo de um mundo socialmente construído, por isso é errônea a afirmativa de que existem mapas verdadeiros ou exatos em contraposição a mapas falsos ou inexatos, já que são inconcebíveis as imagens isentas de juízo de valor.

Se há juízo de valor, há seletividade! A seletividade está relacionada ao contexto histórico e cultural, bem como ao diálogo entre a visão de mundo de quem elabora o mapa e de quem o interpreta, configurando-o, portanto, como um produto social. Produto social que representa uma realidade, mas que não pode ser visto literalmente como a realidade (SEEMANN, 2012, p. 144), justamente pelas diferentes ideologias e formas de interpretá-la.

A questão ideológica não está apenas na intenção ou objetivo relacionado ao processo de elaboração do mapa, mas nas escolhas técnicas que definem o uso das escalas (geográfica e cartográfica), das variáveis visuais, dos tipos de informações que representam determinados fenômenos, do sistema de projeção adotado, dos signos na legenda, dos títulos e das informações complementares.

Todos os elementos que compõem o mapa expressam as distorções, as variações e a seletividade adotada para representar a realidade. Harley (2009, p.9) menciona que apesar dos cartógrafos compreenderem os rebatimentos desses aspectos na leitura e compreensão do mapa, os artigos acadêmicos pouco tratam sobre este assunto e suas consequências políticas e sociais.

É preciso, portanto, que no ensino de Geografia haja a inclusão de novas metodologias que auxiliem na reflexão sobre o fazer cartográfico, seus objetivos, ideologias e discursos, a partir de novas possibilidades de representação que incluam o protagonismo do indivíduo.

O geógrafo francês Yves Lacoste, em seu livro "A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra" (2012) menciona que a cartografia é um conhecimento estratégico nas mãos de alguns, ou nas palavras de Harley (2009), uma "ciência dos príncipes". Para Lacoste, o monopólio do saber cartográfico é o motivo pelo qual o mapa é tido como uma mera ilustração, como uma imagem neutra. Falta uma reflexão sobre como as ideologias dominantes presentes nas representações espaciais

contribuem intencionalmente para o silenciamento das informações sobre os fenômenos políticos e sociais. Raffestin (1993) configura este silenciamento como parte de um mecanismo caracterizado por um símbolo de poder.

Como contestar esse símbolo de poder no ensino de Geografia? Como desnaturalizar a imagem do mapa?

A cartografia subversiva como metodologia de ensino propõe questionar e contrariar as formas oficiais de "fazer, ver e ler mapas" (SEEMANN, 2012, p. 141). Através dela, utiliza-se recursos artísticos que incluem novas formas de fazer e perceber os mapas.

A postura subversiva busca emancipar o indivíduo para o processo de leitura e interpretação do mundo, através da releitura das representações cartográficas. Por isso, defendemos neste artigo que ela não deve se restringir apenas à educação básica, diante do potencial de contribuição para a formação inicial e continuada de professores. Este argumento é baseado na experiência do uso da cartografia subversiva como metodologia durante as aulas de Cartografia no curso de licenciatura em Geografia da UFSCar/Sorocaba.

Cartografias subversivas: um caminho para a desconstrução no ensino de Geografia

A experiência da cartografia subversiva como metodologia no ensino superior foi desenvolvida com os estudantes da disciplina de Cartografia, da UFSCar/Sorocaba, no primeiro semestre de 2019. O trabalho foi realizado após os estudantes terem tido contato inicial com o conteúdo tradicional da cartografia (escalas, projeções, elementos obrigatórios do mapa e outras convenções) e com a cartografia subversiva (através da apresentação de obras de arte e de textos acadêmicos).

Os estudantes foram desafiados a elaborar um mapa que contemplasse um dos seguintes temas: migrações, desigualdades, crescimento econômico ou impactos ambientais.

O conhecimento dos estudantes sobre os temas e o contato com obras artísticas e mapas subversivos foram fundamentais para a elaboração dos próprios mapas.

De acordo com Seemann (2012), para questionar a cartografia oficial é preciso conhecer as convenções cartográficas, sendo que no ensino de Geografia na escola, essa subversão pode vir acompanhada da elaboração de mapas que expressem a visão e análise do mundo, do bairro, do país ou da escola, de forma lúdica.

No caso da experiência com os estudantes do curso de licenciatura em Geografia, a cartografia subversiva foi trabalhada como uma possibilidade metodológica no ensino de Geografia. Dessa forma, além da elaboração dos mapas, os estudantes tiveram a oportunidade de refletir como os mapas poderiam ser utilizados para trabalhar com conceitos e categorias geográficas, partindo do tema escolhido.

Os temas foram selecionados de acordo com as discussões feitas em outras disciplinas e com os interesses dos estudantes. Apesar da atividade ser individual, o posicionamento em grupos no laboratório para a realização da atividade colaborou com o diálogo sobre os temas escolhidos.

Os estudantes compreenderam que a cartografia subversiva não tem o intuito de substituir os mapas convencionais, mas de proporcionar um novo viés para a construção das representações cartográficas, com enfoque sociocultural, pluralista e multivocal, conforme discutido por Seemann (2012).

Após a elaboração do mapa, cada estudante foi designado para realizar uma atividade de análise de um mapa de outro estudante. Para essa atividade houve o cumprimento das seguintes etapas:

1. Interação entre o estudante autor e o estudante responsável pela atividade de análise, a fim de compreender o que motivou a escolha do tema do mapa e da elaboração da representação cartográfica.
2. Elaboração de atividade analítica da representação cartográfica (escrita) que incluiu os seguintes pontos: contextualização do tema; interpretação crítica do tema através do mapa; indicação de temas correlatos que não apareceram diretamente no mapa, mas que poderiam agregar novos elementos para o debate; indicação de conceitos geográficos que poderiam ser trabalhados a partir do mapa.
3. Avaliação da atividade a partir do compartilhamento sobre a experiência de elaboração e do exercício analítico dos mapas, com indicação de propostas de utilização da metodologia na educação básica.

Ao passo em que os estudantes relatavam suas experiências, eles foram estimulados a pensar sobre: como a metodologia poderia ser utilizada na sala de aula, incluindo um viés interdisciplinar; as diferentes formas de avaliação e os contextos possíveis de uso da metodologia; o uso de diferentes materiais no processo de representação espacial; recortes temporais, espaciais e temáticos; necessidade de

problematização dos mapas utilizando o conceito de espaço geográfico e suas categorias (lugar, paisagem, território, região etc); a importância do protagonismo na elaboração de representações cartográficas para a expressão da visão de mundo do indivíduo e sistematização do conhecimento geográfico sobre um tema específico; e principalmente, da necessidade do papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem e as contribuições de suas orientações para o aprofundamento da percepção dos estudantes sobre a complexidade dos fenômenos contemporâneos.

Nas páginas a seguir, foram selecionados dois mapas produzidos pelos estudantes da disciplina de Cartografia da UFSCar/Sorocaba.

Na maior parte dos mapas pode ser observado a pertinência de questões (geo)políticas, independente do recorte temático escolhido. No caso do mapa 1 (Figura 1), "Ordem e retrocesso", a autora expressa algumas das dinâmicas atuais do território brasileiro a partir da regionalização caracterizada pelos principais símbolos do turismo nacional nas regiões sul e sudeste. Embora indique a região nordeste como uma região turística, ausenta sua forma do mapa, substituindo-a por um ponto de interrogação. Tal substituição está relacionada ao descompasso em relação às políticas públicas e ao desenvolvimento econômico. Já as regiões norte e centro-oeste do país foram representadas com elementos que remetem diretamente a outras escalas geográficas, incluindo o fluxo financeiro da corrupção para bancos na Suíça, o desmatamento na Amazônia e o interesse geopolítico dos Estados Unidos na região. Os conflitos socio-territoriais decorrentes dos aspectos representados são expressos no "vermelho pela própria natureza" que faz alusão à violência e ao genocídio.

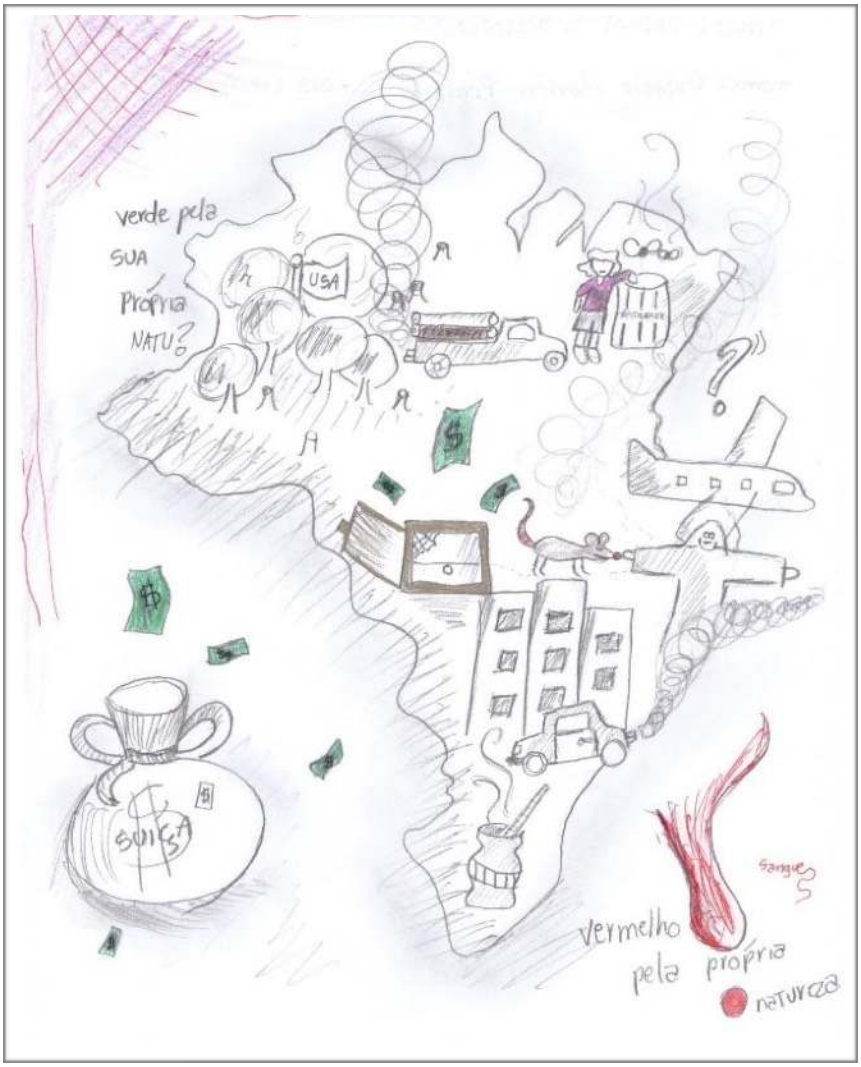

Figura 1: Ordem e Retrocesso
Elaborado por Rafaela Martin Pinheiro

Já em "cardápio" (mapa 2 - figura 2), o autor critica a relação bilateral entre Brasil e Estados Unidos. A aproximação ideológica entre os dois países no ano de 2019 é questionada quanto aos interesses econômicos dos Estados Unidos, por isso enquanto a bandeira deste país está no topo do hambúrguer, a bandeira do Brasil aparece como o recheio, assim como o estado do Amazonas e o Mato Grosso. A representação demonstra a leitura do autor quanto à submissão brasileira à hegemonia estadunidense.

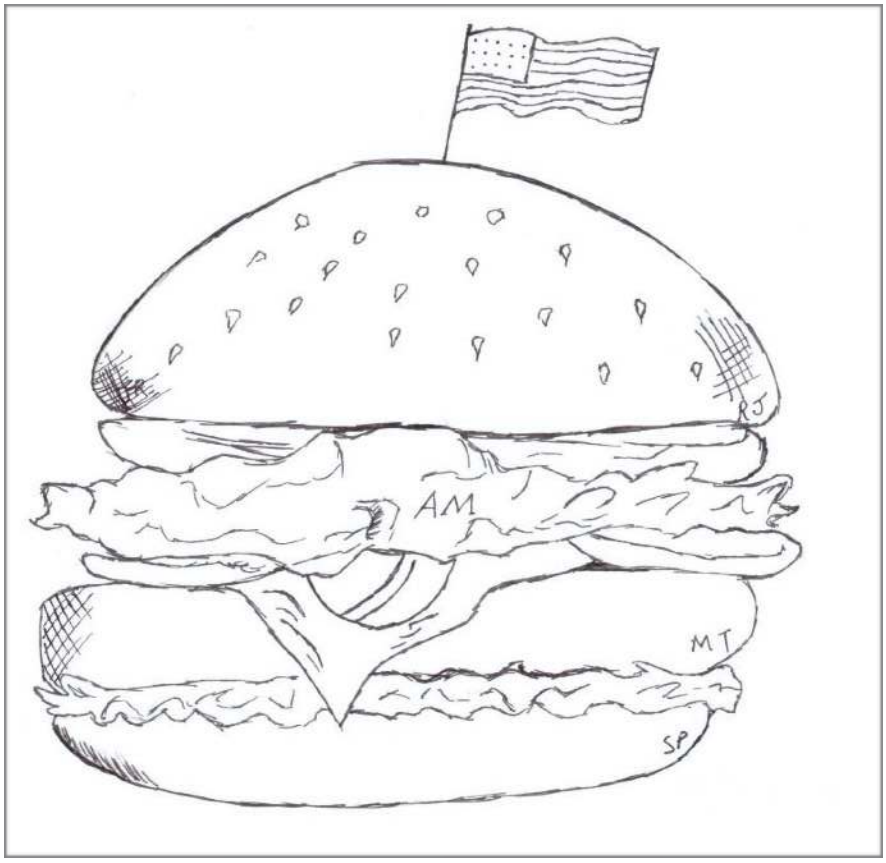

Figura 2: Cardápio
Elaborado por Bruno Gabriel H. de P. Bueno

Nas duas representações, podemos observar a permanência da (geo)política. Embora os mapas tenham sido elaborados a partir de perspectivas e visões de mundo diferentes, ambos trazem interpretações semelhantes quanto à relação bilateral Brasil-Estados Unidos e suas consequências geográficas. No primeiro mapa, "Ordem e retrocesso", a autora manteve a forma do território brasileiro com poucas alterações, já em "Cardápio", o foco não está na forma, mas na relação (geo)política entre os países, ou seja, no processo de liderança e subordinação entre eles.

Em ambos os casos, os autores mobilizaram seus conhecimentos de outras disciplinas para a elaboração da representação, ao mesmo tempo em que ao estabelecer o recorte temático e espacial expressaram os conhecimentos sistematizados.

A partir dessas representações podemos ler o mundo contemporâneo, indicando alguns pares dialéticos como sociedade-natureza; espaço-tempo; território-rede; global-local, entre outros. No ensino de Geografia, a cartografia subversiva como metodologia tem o potencial de instigar o estudante a refletir sobre temas e fenômenos geográficos complexos que dificilmente seriam sistematizados em uma aula.

Após a atividade de elaboração do mapa, a atividade analítica dos mapas de outros autores fez com que os estudantes fossem estimulados a pensar em outros temas, conceitos, exemplos e abordagens que poderiam ser agregados nas representações analisadas. A proposta de análise foi cuidadosamente explicada para que os estudantes tivessem a consciência de que por se tratar de um olhar subjetivo sobre o mundo, o intuito não era indicar erros, mas indicar caminhos para pensar além do que havia sido apresentado, bem como refletir sobre o mundo a partir das representações. Esse ponto foi fundamental para que os estudantes fossem conscientizados quanto à postura como futuro professores e do potencial da metodologia no ensino de Geografia.

Considerações finais

A partir do uso da cartografia subversiva como metodologia no ensino superior, concluímos que o conhecimento sobre as potencialidades da cartografia subversiva como metodologia na educação básica, contribui para que o futuro professor entenda a importância do protagonismo do indivíduo ao fazer/ler os mapas. Tal protagonismo implica em uma postura autônoma que requer do próprio professor um olhar crítico e reflexivo sobre o mundo.

Para tanto, é necessário lançar mão de novas práticas, muitas vezes, tidas como não-convencionais. A cartografia subversiva não se restringe apenas ao debate sobre as representações cartográficas, ela inclui o diálogo sobre a indissociabilidade entre a forma e o conteúdo, entre a representação e o processo.

Ao expressar sua visão e interpretação do mundo, bem como dos fenômenos geográficos por meio das representações, os estudantes sistematizam as principais conexões e interações que elegem como primordiais sobre determinado tema ou acontecimento. Neste processo, o papel do docente como mediador é fundamental. Sua abordagem deve desconsiderar os aspectos indicados pelos estudantes, mas deve ir além deles. A produção dos estudantes deve ser o ponto de partida para o início do debate ou para o aprofundamento da discussão sobre determinado tema ou acontecimento.

É no processo de formação inicial do docente que a postura crítica, autônoma, criativa e inovadora deve ser estimulada. O fato de incluir a cartografia subversiva como metodologia em uma disciplina que faz parte da formação de professores, mas que não é vista tradicionalmente vista como “especializada” para a licenciatura (Cartografia), teve

grande contribuição para o debate sobre a necessidade de uma visão holística para a formação inicial de professores e a futura prática docente.

Por fim, a partir da experiência com os estudantes do curso de licenciatura em Geografia (turma 019) da UFSCar/Sorocaba, foi possível perceber que a cartografia subversiva nas aulas do ensino superior, pode indicar novos caminhos e possibilidades de ampliação do conhecimento geográfico sistematizado pelos futuros professores, ao mesmo tempo em indica um caminho interdisciplinar possível que pode contribuir para o rompimento da dicotomia entre a teoria e a prática.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C. A geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E. M. B; MORAES, L. B (org). **Formação de professores:** conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: NEPEG, 2010. p. 15-38.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E. M. B; MORAES, L. B (org). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia.** Goiânia: NEPEG, 2010. p . 39-57

HARLEY, B. Mapas, saber e poder. In: **Confins** [Online], n. 5, 2009. Disponível em: http://journals.openedition.org/confins/5724. Acesso em 01 abr. 2019.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para a Guerra**. 19. ed. São Paulo: Editora Papirus, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão e outras reflexões.** Porto Alegre: Fundação Ulisses Guimarães, 2011.

SEEMANN, J. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. In: **Revista Geografares**. n. 12, 2012, p. 138-174.

Recebido em 28 de março de 2020.

Aceito para publicação em 15 de junho de 2020.